

REACÇÕES AO LIVRO «UM OLHAR FIEL SOBRE O ALCORÃO»

Duas reacções explícitas, uma de apoio, a outra de rejeição, seguiram-se à publicação do livro «Visão Fiel do Alcorão».

A primeira reacção é um artigo escrito pelo Sheikh ZY (Dignitário do Alto Conselho Jurídico Islâmico). Este artigo de apoio deveria ser publicado num jornal islâmico árabe. Esta publicação foi impedida, mas o autor do artigo enviou uma cópia, assinada na sua própria mão, a Pedro. Reproduzimos o conteúdo traduzido do árabe.

1. Primeira reacção: Artigo de Sheikh Z Y

Ao Sr. Educador

Sobre o livro «A Faithful Look at the Quran»: um novo livro do estudioso cristão Peter foi concluído a 13 de Outubro de 1984. O livro consiste em 136 páginas de tamanho médio e está dividido em quatro capítulos:

Capítulo 1: O regresso ao texto do Alcorão.

Capítulo 2: Pontos de discórdia.

Capítulo 3: Os principais pontos de encontro.

Capítulo 4: Convite à Reflexão.

O autor menciona na introdução um versículo do Alcorão: «Ó vós que recebestes o Livro (*da Bíblia: Torah e Evangelho*), acreditai naquilo que Nós inspirámos (*o Alcorão*) que testemunha o que está convosco» (Alcorão IV; Mulheres,47). E o autor diz que este Livro é um estudo sucinto da intenção Divina original, um estudo que convida à abertura com fé ao Alcorão e do Alcorão ao Evangelho e à Torá, que são certificados pelo Alcorão. Pois o Alcorão afirma que atesta estes dois predecessores e não os contesta. De facto, o Senhor diz aos crentes no Alcorão: «Dizei que temos acreditado no que nos foi inspirado (*o Alcorão*) e no que vos foi inspirado (*a Torá e o Evangelho*)» (Alcorão XXIX; A Aranha,46).

O autor diz: «Peço ao leitor que se abra ao conteúdo deste livro com objectividade, elevando-se acima da mentalidade confessional a que ele pertence e de qualquer mentalidade confessional estreita. O nosso objectivo é libertarmo-nos do espírito confessional e do abominável racismo religioso que se infiltrou em todos nós sem o nosso conhecimento e do qual só nos podemos libertar através do conhecimento, o verdadeiro conhecimento do que Deus disse na inspiração. É este conhecimento que é capaz de nos libertar das garras das tradições e ideias que se desviam dos ensinamentos da Bíblia e do Alcorão. E o autor confia no versículo do Corão: 'Aqueles a quem demos a Bíblia (*o Corão*) antes dele (*o Corão*) acreditam nela (*o Corão*) e quando ouvem o Corão dizem: Nós acreditamos nela, ela (*o Corão*) é verdadeiramente de Deus, nós somos muçulmanos antes dele, estes têm a sua dupla recompensa' (Corão XXVIII; História,52).»

O autor acrescenta: «O que consola o coração de cada verdadeiro crente em relação a este versículo é, por um lado, a abertura dos cristãos ao Alcorão no passado, sem fanatismo, e por outro lado, a dupla bênção de Deus quando dizem ser muçulmanos perante o Alcorão. Se o cristão hoje proclama que é muçulmano perante o Alcorão, suscita contra ele a ira de muitos cristãos e muçulmanos tradicionais. Aqui aparece o abismo entre a vontade original de Deus e as tradições que se desviaram, aquelas tradições produzidas pelos homens».

E o autor surpreende-se que apesar do testemunho do Alcorão a favor da Torá e do Evangelho, repetido muitas vezes, tenha havido muitos estudiosos que quiseram interpretar os versículos do Alcorão independentemente da Bíblia: como se estivessem enojados com a Bíblia. Pelo contrário,

glorificam-se a si próprios por não se referirem à Bíblia. É por isso que a sua interpretação se tornou estranha à lógica da inspiração. Traz consigo a semente das divisões entre irmãos, enquanto que o Corão pediu para não separar os profetas e o que Deus inspirou neles. O Alcorão diz: «Não discuta o Livro com o povo, excepto *pela melhor das discussões*, excepto com aqueles que cometeram injustiça. E diz: 'Acreditamos naquilo com que foste inspirado (*a Bíblia*) e naquilo com que fomos inspirados (*o Alcorão*) e o teu Deus e o nosso Deus é Um e nós somos muçulmanos (*submissos*) a Ele'» (Alcorão XXIX; a Aranha,46).

E o autor acrescenta: «Todos aqueles que lêem a Bíblia e o Alcorão objectivamente, sem tensão, aumentarão a sua compreensão e compreenderão que algumas histórias bíblicas também são contadas no Alcorão: Desde a criação do mundo através de Noé e Abraão e dos doze apóstolos, a traição dos judeus ao pacto divino e finalmente a menção do Messias que o Alcorão relata com grande respeito e honra. Por que devemos então partir do Alcorão, por que devemos então partir de um dos dois livros em particular, quando encontramos na Bíblia mais luz do que o que veio no Alcorão? Muitos dos que discutem a religião fazem-no com entusiasmo, mas sem conhecimento do que foi inspirado na Bíblia e o seu entusiasmo ignorante faz com que caiam nas redes do fanatismo e esta atitude é abominável a Deus e aos seus profetas».

O autor prossegue dizendo que, como cristãos, compreendemos a essência do Islão a partir do que o próprio Corão diz sobre o Islão, purificando-o de todos os traços tradicionalistas que têm vindo como parasitas distorcendo, durante séculos, através dos acontecimentos, a pureza da face do Islão. O autor também escreve: como sabemos perfeitamente que, aos olhos do Alcorão, o muçulmano (o submisso) é aquele que submete o seu rosto a Deus, fazendo o bem, «ele segurou a ponta direita da corda» (Alcorão XXXI; Luqman,22). Pois há aqueles que submetem o seu rosto a Deus mas não fazem o bem, mas bendito é todo o muçulmano que submeteu o seu rosto a Deus e fez o bem esforçando-se por compreender e ler os Livros que o Senhor inspirou. Abençoado seja esse homem muçulmano, cristão ou pagão.

O autor reafirma: «Este estudo visa inculcar um espírito de abertura e boa compreensão entre crentes de boa fé, não racistas e não fanáticos de todos os credos, sem concessões. Os crentes de todos os credos que conseguem libertar-se dos seus preconceitos aperceber-se-ão, lendo os Livros Divinos inspirados, calmamente e livres de desafios e provocações e ideias pessoais, que esta Inspiração é Una. A sua Fonte é Um, e vem de um só Deus. Eles descobrirão com alegria que são irmãos a abraçarem-se depois de acreditarem que eram inimigos a matarem-se uns aos outros».

Peter disse: «Chamei a este livro 'A Faithful View of the Qur'an', pois sou um padre e um cristão aos olhos dos homens, e na sua opinião um cristão não acredita no Alcorão, embora o Alcorão não seja monopólio de ninguém. É a inspiração de Deus para todos aqueles que amam a vida espiritual e aspiram a sublimar os seus pensamentos a fim de se sentarem com o Criador e viverem eternamente com a Sua respiração e em Sua companhia».

Pedro disse: «Eu acredito em Deus, eu acredito em Jesus, o Cristo de Deus, e eu acredito no seu profeta Maomé. Creio que existem apenas duas comunidades, não uma terceira: a comunidade dos crentes abençoados e a comunidade dos fanáticos banidos, pertencentes a todos os povos, nações e religiões».

E nós, por nossa vez, saudamos Pedro, essa alma generosa, por ter chamado a nossa atenção com tanta bondade, como saudamos perante ele, o Embaixador Nasri Salhab, na esperança de ver muitos mais destes livros de fé que têm as suas consequências.

Assinatura do Reverendo Sheikh Z Y

2. Segunda Reacção: Resposta aos artigos do Sheikh KR

A segunda reacção consiste numa série de cinco artigos escritos pelo Sheikh KR e publicados numa revista árabe. Pierre respondeu num jornal aos quatro primeiros artigos.

Aqui está a tradução da resposta de Pierre:

Unidade de fé, não evasão de textos

Li na revista, a sua reacção ao meu livro «Um olhar fiel ao Corão: Unidade de Inspiração Bíblico-Corânica». Estou a responder a Vossa Reverência porque amigos íntimos meus, autênticos muçulmanos, insistiram que o fizesse, depois de ter sido convencido pelas minhas respostas aos vossos ataques. Pediram-me, portanto, que respondesse publicamente para que ninguém, incluindo você, acredite que tem razão.

Permitam-me que primeiro chame a vossa atenção para algumas observações. Disse: «O autor esforçou-se por harmonizar os textos da Torá, do Evangelho e do Alcorão. E de onde é que isso lhe seria dado? A verdade é que ele tropeçou no seu estilo de conciliação e entrou em contacto com a verdade, de modo que a conciliação se tornou evasão». Repete-se isto na introdução, que é sempre a mesma, dos quatro artigos relatados pela revista. No entanto, no meu livro, e ao contrário do que diz, não fiz um único esforço de «conciliação». Tal esforço só é concebível entre textos que se contradizem ou se opõem; não é o caso dos Livros Inspirados. Falar de conciliação entre os livros inspirados é admitir que não estão em harmonia uns com os outros. Não há nada parecido aqui. É por isso que vejo que tem razão em dizer, em relação à conciliação: «De onde viria?» uma vez que o problema não existe desde o início. Tentei colocar um acordo entre os crentes destes Livros inspirados, não entre os próprios Livros inspirados que, desde o início, estão de acordo. É por isso que me culpas? Se este esforço de conciliação entre crentes é um pecado, então eu mereço o inferno, pois queimo com zelo para ver os crentes de acordo e unidos com amor em torno do único Deus. E como poderia não haver harmonia entre os Livros de Deus? O Alcorão afirma explicitamente que certifica a Bíblia, não que a contradiz, e que o Deus do Alcorão é o mesmo que o Deus da Bíblia, como demonstrei no meu livro, confiando em versículos de Alcorão que repito aqui:

«Ó vós que recebestes o Livro (*da Bíblia*): acreditai no que inspirámos (*o Alcorão*), certificando o que tendes convosco (*a Bíblia*)» (Qurán IV; Mulheres,47)

Agora, o que o «povo do Livro» tinha com eles no século VII d.C. era a Bíblia no seu texto actual. Teria o Alcorão testemunhado a favor da Bíblia se esta tivesse sido falsificada - de acordo consigo - nos séculos anteriores?

O Alcorão também diz ao povo do Livro: «O teu Deus e o nosso Deus é Um (*o mesmo*) e nós estamos resignados a Ele» (Alcorão XXIX; a Aranha,46).

A conclusão lógica destas palavras inspiradas é que acreditar no Deus do Corão é acreditar no Deus da Bíblia, ao qual todos nós «nos resignamos» (isto é, «muçulmanos»). É por isso que o Alcorão considera os apóstolos de Jesus Cristo como «muçulmanos», mesmo antes da vinda do Alcorão. A lógica saudável leva-nos a concluir que do mesmo Deus emana uma única inspiração, uma única intenção divina e um único plano salutar que devemos esforçar-nos por descobrir sem nos cansarmos até alcançarmos o objectivo que, pela graça de Deus, nos fará regozijar e desabrochar. De facto, a intenção de Deus é uma só na Bíblia e no Alcorão, mesmo que o estilo e a forma literária sejam diferentes. Estes dependem da sociedade, do lugar e do momento em que a inspiração foi dada. Deus, como sabeis, fala a cada povo segundo a sua língua e mentalidade, tal como revelado no Alcorão: «Nunca enviámos um apóstolo senão na língua do seu povo...» (Alcorão XIV; Abraão,4).

O que tentei procurar é a unidade de fé que existe originalmente nos Livros Celestiais inspirados por Deus em várias línguas, de acordo com as sociedades a que Deus se dirigiu. Nunca tentei

encontrar um acordo entre estes Livros inspirados, como diz: «E de onde me seria dado», uma vez que este acordo já existe?

A minha intenção aparece no título do meu livro: «Unidade da Inspiração Bíblico-Corânica» e não «Tentativa de reconciliar a Bíblia e o Alcorão».

Foi por isso que não percebi a razão do seu surto. Tanto mais que vários crentes respeitáveis e muçulmanos bem educados me felicitaram por esta feliz iniciativa, incluindo sábios líderes religiosos que conhecem e que vos conhecem. Além disso, desde o início, avisei o leitor, se ele estiver atento, aconselhando-o na página 1 que «este livro é um estudo sucinto do autêntico conceito de inspiração divina. Convida-se a abrir-se com fé à inspiração do Alcorão, e através dela ao Evangelho e à Torá atestada pelo Alcorão. É um olhar de fé sobre a inspiração divina em geral para aproximar os crentes através da descoberta da unidade da inspiração bíblica-Qur'anic...»

Assim, como o leitor atento terá notado, o fio condutor da minha pesquisa é claro: é descobrir a unidade de fé já existente nos Livros inspirados e não um esforço de conciliação entre os Livros.

Agora, permita-me, Reverendo Sheikh, expressar o meu desapontamento e pesar, sentimentos partilhados com os outros, pelo estilo desdenhoso, rosnado e provocador que adoptou na sua resposta, não porque me considere uma personalidade importante, não sou, mas porque sou um homem simples, um homem que Vossa Reverência ignora, com a sua dignidade como qualquer homem. O Profeta Maomé nunca agiu como você, mas escolheu a melhor das atitudes e recomendou-a aos crentes. Teríamos esperado de um homem de religião uma discussão e um diálogo através da atitude «melhor», de acordo com o mandamento do Alcorão. Especialmente porque, na vossa introdução, dizeis: «recorro a Deus Todo-Poderoso para me inspirar com bondade e boa lógica». Agora, noto que recorreu a poetas, filósofos e homens de ciência, não a Deus. Em nome de Deus, pergunto-vos portanto: como me podeis acusar de evasão, eu que me refiro às suas Palavras no luminoso livro do Alcorão e não às ideias humanas?

Tentou novamente - e eu quero acreditar que foi de boa fé - desfigurar o conteúdo do meu livro, não mencionando quaisquer ideias positivas. Falou de trindade como se eu acreditasse em três deuses, apesar de eu a ter denunciado como heresia. Falastes da divindade do corpo de Cristo enquanto eu falo do Espírito que animou este corpo criado como o corpo de Adão. Expliquei porque é que Cristo, sozinho, é considerado pelo Corão como o Espírito de Deus. Foi por isso que disse que tentou desfigurar o conteúdo do meu livro mencionando meias verdades, defendendo entusiasticamente a unidade de Deus, uma unidade em que acredito sem os seus longos discursos. Desfigurou, como desejava, certas passagens do meu livro, diante de pessoas que não o conheciam, sem mencionar um único ponto positivo, apresentando-o como contendo apenas animosidade e ódio contra o Corão, contra o Islão e a Verdade. Mas o oposto é verdade e estou satisfeito com o testemunho da minha consciência e o apoio dos meus bons amigos, autênticos muçulmanos. E que Deus o perdœ, Reverendo e respeitável Sheikh KR!

No entanto, peço a cada leitor que leia o conteúdo do meu livro antes de dar uma opinião. (Hoje pode ser encontrado no website: <http://www.pierre2.net>).

Aproveito esta oportunidade para informar os leitores e o Reverendo, que o meu livro foi traduzido para francês e está a ser traduzido para inglês, alemão e italiano, se Deus quiser. Este livro plantou no coração de muitos crentes no Ocidente o amor do Corão, do seu nobre profeta e do Islão. Tem ajudado a destruir o fanatismo cego, especialmente no Ocidente, apresentando o Corão na sua pureza, o Profeta Maomé na sua clareza e o Islão na sua inocência, não um Islão intolerante, derrotado e dividido - como é também o Cristianismo - devido ao fundamentalismo agressivo das duas comunidades. É por isso que a minha alma se alegra em Deus por causa destas traduções, porque a fé, a Bíblia, o Corão, os profetas, os apóstolos, o cristianismo e o Islão não são monopólio de ninguém; ninguém pode pretender limitá-los, seja qual for a sua hierarquia e cultura.

É por isso que paro aqui nas palavras de Vossa Reverência, em N° 8 da revista: «Cada profeta que veio cancelar a lei do seu predecessor como resultado das alianças e de vários tempos, até que

Deus tenha posto fim à profecia, cumprindo a sua mensagem através do último dos seus profetas: Muhammad. Assim, a lei de Maomé anulou a lei de Jesus. Agora, entre Jesus e o nosso Profeta (Maomé) não há outro profeta; por conseguinte, sabemos por este facto que não é permitido praticar nenhuma outra religião além do Islão».

Surpreende-me, Reverendo, que considere o Profeta Maomé como «seu» profeta; ele é o profeta de Deus, o profeta do Universo, de todos aqueles que acreditam nele e dos quais eu faço parte. Ele é o profeta de Deus, o profeta do Universo, de todos aqueles que acreditam nele e dos quais eu faço parte. Ele não é monopólio de ninguém, mas nós pertencemos a ele. Nenhuma comunidade pode chamar a um apóstolo ou profeta seu, ou ao Messias: «O nosso Messias». Pois estes enviados são maiores do que a nossa capacidade e ninguém os pode monopolizar. Fé, profetas, apóstolos e Deus são para todos, quer alguns o queiram admitir ou não!

Depois fala, Reverendo, sobre a «Lei de Jesus». Mas Jesus nunca estabeleceu nenhuma outra «Lei» que não fosse a do Amor, da justiça e do julgamento de uma consciência madura. Como pode uma tal «Lei» ser abolida? Foi o Alcorão que falou da abolição da «Lei» de Jesus por Muhammad ou são apenas pensamentos humanos?

O Evangelho diz: «A lei veio por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo» (João 1,17). Quanto ao que diz: «Não é permitido praticar uma religião diferente do Islão e que a religião aos olhos de Deus é o Islão», sou um dos que pregam isto com uma fé ardente e viva. Mas prego o Islão Corânico não confessional, fanático, dividido e dilacerado pelas suas próprias contradições. O amado Profeta Maomé disse: «Tenham cuidado, não voltem a ser, depois de mim, os ímpios a baterem-se uns aos outros» (Discussão N° 204).

A numeração das Discussões do Profeta é retirada do livro árabe «Manhal al Waridin» do Sheikh Sobhi Saleh.

Onde está hoje o Islão? Vê-o nas diferentes comunidades muçulmanas que se estão a matar umas às outras? Onde está hoje a fé? Pergunto-me isto com desolação e tristeza porque o meu amor pela fé, o único Deus, o Corão e o Islão é profundo mas entristecido.

De que Islão fala a sua Reverência? Estais num vale e eu noutro... e medito com desolação nas palavras do amado Profeta Maomé nas suas «Discussões» espirituais: «Chegará um tempo em que o Alcorão permanecerá apenas o seu desenho e o Islão apenas o seu nome. As pessoas reclamarão o Islão como seu, mas serão as mais afastadas dele».

Esse tempo chegou com o aparecimento do mal encarnado na entidade israelita. Esta entidade, como sabem, anuncia um Cristo sionista e nega Jesus, o verdadeiro Cristo.

Este «Cristo» de Israel é o Anticristo de quem o Evangelho e o profeta Maomé falaram em muitas das suas «Discussões» espirituais onde ele diz, entre outras coisas, «temo por vós apenas o Anticristo. Se ele aparecer enquanto eu estiver convosco, serei eu a refutar os seus argumentos, mas se ele aparecer quando eu já não estiver convosco, então caberá a cada um encontrar os argumentos (*contra ele*) e Deus será então o meu sucessor para cada muçulmano» (Discussão N° 1806).

O Anticristo sionista apareceu enganando a humanidade e o amado Muhammad não está entre nós. Neste caso, cada homem é hoje responsável pelos seus próprios argumentos, e Deus é o único sucessor de Muhammad aos crentes até ao fim do mundo. Digo a todos aqueles que dizem ser os sucessores de Maomé: «Estão enganados! Isto não é verdade, pois o próprio profeta amado nos avisou, dizendo-nos que agora não tem outro sucessor senão Deus». Creio, e a minha fé é firme e profundamente estabelecida, que chegámos ao momento em que cada homem deve procurar os seus próprios argumentos para justificar a sua consciência e a sua fé perante Deus. O próprio Deus hoje toma as rédeas nas suas mãos para liderar todos os muçulmanos, dos quais eu faço parte.

Deixe-me lembrar-lhe novamente, Reverendo, do que diz o Alcorão: «Os beduínos disseram: Nós acreditamos Responda-lhes: Não acredita! É preferível dizer: Abraçámos o Islão, pois a fé não penetrou nos vossos corações.» (Alcorão XLIX; Os Apartamentos, 14).

Este Islão dos Beduínos é o que prevalece hoje em dia. O amado profeta advertiu-nos contra este tipo de fé e este «Islão» que eu rejeito e denuncio. Que há muitos «beduínos» modernos que dizem: «Nós acreditamos e somos muçulmanos», mas eles não são crentes nem muçulmanos, tendo-se rendido (*islamizados*) não a Deus, mas a Israel, o inimigo de Deus, e odiando-se uns aos outros. Há muitos exemplos nos países árabes e não sou o único a lamentar e a lamentar a traição dos muçulmanos ao autêntico Islão, tal como não sou o único a ver cristãos a trair o verdadeiro cristianismo.

Na minha pesquisa, confiei nas palavras e directivas de Deus, pondo em prática o seu mandamento de discutir assuntos religiosos apenas a partir de um «Livro Luminoso». O Livro Luminoso que tomei como guia é o Alcorão, como mencionei na página 11 do meu livro, onde digo: «Deus requer que os crentes tenham cuidado na busca de verdades espirituais. Pede-lhes que confiem sempre nos Livros inspirados e que ignorem os rumores espalhados pelos desordeiros. Deus avisa, dizendo: 'Há homens que discutem Deus sem conhecimento, sem terem recebido qualquer orientação, sem serem guiados por um Livro brilhante' (Alcorão XXII; A Peregrinação,8). O Livro luminoso que utilizamos para compreender o espírito do Alcorão é o próprio Alcorão.»

Quanto a si, Reverendo, procurando demonstrar a todo o custo que o Evangelho é falsificado, recorreu às reivindicações de certos «estudiosos ocidentais», negligenciando o recurso aos do Oriente, tais como os dois grandes estudiosos muçulmanos, os falecidos Reverendos Muhammad Abdo e Afaghani, que confirmaram firmemente a autenticidade da Bíblia. O quanto eu gostaria que, como homem de religião, me tivesse respondido com base nos textos do Corão. Só eles podem convencer-me. Contudo, eu tinha avisado os leitores do meu livro, dizendo que um dos princípios mais importantes na minha pesquisa, e isto porque quero acima de tudo salvaguardar a fé, consiste no contínuo regresso ao texto do Corão para evitar qualquer mal-entendido. O leitor calmo e calmo tomou, sem dúvida, nota deste ponto que, a meu ver, é da maior importância. Encontra este princípio mencionado na página 11 do meu livro.

Os estudiosos que utiliza nas suas respostas têm levado muitas pessoas a desviar-se. É por isso - e não importa quão eminentes a sua ciência e cultura possam ser - que prefiro o Livro Luminoso e as suas directrizes a eles.

Têm lutado com espantosa ânsia de encontrar provas não-Qur'anic para demonstrar a falsificação da Bíblia, e especialmente do Evangelho, como se tivessem um rancor contra este Livro Sagrado. A vossa obra é condenada por Deus no Alcorão, que, como mostrarei mais tarde, considera os que rejeitam o Evangelho como «perdedores» (Alcorão II; Génesis,121). Evitou referir-se ao Corão e confiou numa longa lista de «eruditos» ocidentais e anti-bíblicos. Permita-me, portanto, Reverendo, chamar a sua atenção para quatro pontos:

1. Encontrar provas da falsificação do Evangelho - e não há nenhuma - é o mesmo que contradizer o Alcorão que o atesta. Apresenta a tradução bíblica da Vulgata como prova da falsificação das Escrituras Sagradas. Esta tradução, como sabe, foi feita por São Jerónimo, de hebraico para o Antigo Testamento e de grego para o Novo Testamento. Traduzir a Bíblia não significa falsificá-la. A tradução foi chamada «Vulgata», ou seja «popular» porque foi traduzido para o latim, a língua «popular» e universal da época. O que há de errado com a tradução? Onde está a falsificação? E qual é o mal de corrigir o texto e melhorá-lo após a tradução? O texto da Vulgata é o que existia na época de Muhammad e foi reconhecido canonicamente pelo Conselho de Trento em Itália em 1546. É o texto utilizado por todas as Igrejas Católicas e Ortodoxas Cristãs. Os protestantes rejeitaram sete livros sem importância do Antigo Testamento, mas reconheceram os outros livros como canónicos, não falsificados. Quanto aos livros do Novo Testamento, todas as denominações cristãs concordam com a sua autenticidade.

2. Os «sábios» que mencionou são apenas elos de uma cadeia de agentes do sionismo internacional e da maçonaria universal e ateísta. Muitos destes «estudiosos» infiltraram-se no clero cristão, especialmente no clero católico, a fim de semear a confusão e espalhar esta falsa doutrina da falsificação bíblica, da qual o Corão é inocente. As suas palavras não são novas e muitos estudiosos bíblicos responderam a estas calúnias, tais como Jean Daniélou, Karl Rahner, Paul Claudel, a École Biblique de Jérusalém dirigida pelos monges dominicanos do convento de Santo Estêvão em Jerusalém, etc...

O Vaticano denunciou e rejeitou muitos dos falsos estudiosos que cita e advertiu contra muitos outros. Além disso, as descobertas arqueológicas têm refutado os seus «estudiosos». De facto, a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, datada de 200 anos a.C., prova a autenticidade do Antigo Testamento, e outras descobertas atestam a autenticidade do Novo Testamento, como demonstrei no meu livro (*parágrafo 3.5.2*).

Teríamos apreciado se tivesse mencionado o grande estudioso orientalista Louis Massignon que acreditava no Evangelho e no Corão e defendia o Islão e o seu misticismo. Este homem é um apóstolo da abertura e da paz, do acordo e da unidade entre os crentes do Oriente e do Ocidente. Foi um orientalista famoso que conquistou a confiança de verdadeiros crentes cristãos e muçulmanos.

Não desejo expandir e mencionar listas de estudiosos com as suas palavras - como vocês fizeram - não importa quão bons sejam os seus argumentos e quão grandes sejam as suas virtudes, pois confio apenas na inspiração divina. Limito-me a citar homens da ciência para não imitar o homem orgulhoso que espalha os seus «músculos» culturais para impressionar o simples e o ingénuo psicologicamente. Em qualquer caso, o recurso aos cientistas não trará nada aos incrédulos que têm «olhos mas não vêem e ouvidos mas não ouvem», como diz o Senhor no seu Livro Luminoso.

3. A maioria dos estudiosos que mencionou atacam não só o Evangelho mas também o Alcorão. Rejeitam as doutrinas evangélicas atestadas pelo Alcorão, tais como a virgindade de Maria. Estas pessoas são os apóstolos da maldita luta contra a maldita inspiração do Alcorão. É verdade que eles reconhecem a autenticidade do texto corânico, mas negam o seu conteúdo. Colocaram toda a sua investigação ao serviço da entidade israelita e afirmam que as suas descobertas conduzem ao apoio a Israel. Eles ensinam que Israel é o povo de Deus e que a Palestina lhes pertence por direito divino. Impõem aos cristãos do Ocidente a solidariedade com os judeus do Oriente e do Ocidente. Eles pressionam o Vaticano - especialmente aqueles que estão infiltrados nele - a reconhecer Israel.

O objectivo destes «estudiosos», ao propagarem a doutrina da falsificação, é retirar toda a confiança no Evangelho, pois este denuncia os judeus. Cito como exemplo o que Cristo diz aos judeus que o recusam: «O teu pai é o diabo...» (João 8:44). O objectivo final da doutrina da falsificação do Evangelho é duplo:

1. Considerar todos os textos anti-israelitas como falsificados.
2. Destruir a fé dos cristãos em Jesus como Cristo, resultando na apresentação do «Cristo» sionista considerado pelo Evangelho como o Anticristo, sendo Jesus o verdadeiro Cristo, como também confirmado pelo Alcorão.

A infiltração de estudiosos sionistas ou sionizados no coração da Igreja tem dado muitos frutos. Não ignora certamente, Reverendo, que o Concílio Vaticano II emitiu uma declaração de exoneração dos judeus em 1964. Ainda em 25 de Junho de 1985, o Vaticano emitiu uma declaração pedindo aos cristãos que se aproximassem dos judeus. A este respeito, remeto-vos para o artigo do Sr. Youssef Elias Daher no jornal «Al-Saphir», datado de 10 de Novembro de 1985. O título do artigo é: «As últimas declarações do Vaticano sobre a atitude em relação aos judeus».

Menciono isto para que possamos ser mais cuidadosos e utilizar apenas o Livro da Luz para evitar o castigo dos apóstolos que se desviaram da falsificação e daqueles que acreditam nela.

4. Como pode a Bíblia ser falsificada quando o Alcorão diz: «Aqueles a quem demos o Livro (*a Bíblia*) leram-no correctamente; aqueles que acreditam nele e aqueles que não acreditam nele são os perdedores» (Alcorão II; o Génesis,121).

Os «perdedores» com Deus não são aqueles que defendem a leitura correcta da Bíblia, mas os ímpios que a caluniam sob o pretexto da falsificação.

Deus também diz no Alcorão: «Que o povo do evangelho julgue pelo que Deus revelou nele. Aqueles que não julgam pelo que Deus revelou, são ímpios». (Alcorão V; a Mesa,47). Quererá Deus que julguemos pelo que é falsificado?!

Quem acredita no Alcorão - ou afirma acreditar nele - como pode acreditar na falsificação da Bíblia, quando o Alcorão o atesta e certifica, testemunhando que ele é lido «correctamente»? Isto não significa que o Alcorão abençoa e aprova o texto do Evangelho? De que mais provas precisa, Reverendo, do que o testemunho do próprio Deus! Quanto a mim, estou satisfeito com a garantia do Alcorão contra todos os erros, e estou satisfeito com ela como garantia da veracidade das minhas palavras.

Disseste de mim: «Ele tropeçou e ficou cara a cara com a verdade nas suas palavras». Como pode dizer isso quando eu baseei a minha investigação no Corão? Não entrei em contacto com a verdade; a verdade está no Alcorão e a minha investigação provém desse livro sagrado. Outros entram em contacto com a verdade, optando por seguir a orientação errada dos estudiosos em vez de questionar o Alcorão. Pela minha parte, escolhi a honra de me referir ao Alcorão e de me resignar ao seu conteúdo sem resistência ou compromisso.

Criticou-me, Reverendo, porque escrevi que o Corão, falando de sacrifícios de animais, dizia: «Deus não se deixa tocar pela sua carne e sangue» (Corão XXII; O Peregrinação,37). Porque estás a descarregar a tua raiva em mim quando menciono apenas um verso do Alcorão? A vossa revolta não me chega porque é dirigida contra as palavras de Deus. Só ele lhe responderá como convém a Sua Majestade.

Depois foi mais longe quando escrevi que Deus no Alcorão orienta o homem para a monogamia e não para a poligamia. Deus diz: «Se temeis ser injustos (*para com as vossas mulheres*), casai apenas com uma delas» (Alcorão IV; Mulheres,3).... «E não podeis ser justos com as vossas esposas, mesmo que sejais cuidadosos» (Alcorão IV; Mulheres,129). Deus, ao dizer: «Nunca poderá ser justo para com as suas esposas mesmo que cuide delas», afasta o crente da poligamia. Mas o crente também deve ser inteligente, perceptivo e capaz de captar a intenção de Deus ao primeiro sinal divino.

Mencionei estes versos do Alcorão no meu livro, com base numa pesquisa sincera. Mas atacou-me com virulência, sem mencionar um único verso convincente do Alcorão, e recorreu aos poemas dos poetas. A fraqueza da vossa argumentação do Alcorão só reforçou a minha convicção de que estava no caminho certo e a minha determinação em avançar.

Também ficou zangado comigo porque eu disse que o divórcio, que tinha sido anárquico nos dias da ignorância árabe, é hoje desprezado no mundo árabe, após a passagem do sopro revigorante do Alcorão. O que é que há nessas palavras para o enfurecer tanto? Recordo-vos as palavras do nobre profeta Maomé nos seus discursos: «O divórcio é a mais hedionda das coisas permissíveis». Não tenho de comentar estas palavras proféticas porque há sabedoria para aqueles que são capazes de compreender.

Diz na sua resposta (revista N ° 9 p 82) que Deus não tem qualquer semelhança nem imagem, tendo o Novo Testamento declarado francamente em vários lugares que a visão de Deus neste mundo é impossível. O versículo de João 1,18 diz: «Nunca ninguém viu Deus». Porquê, Reverendo, menciona apenas a metade do versículo que parece dar-lhe razão sobre a impossibilidade de ver Deus e não, todo o versículo que contradiz a sua afirmação: «Nunca ninguém viu Deus: o único Filho que está no seio do Pai O deu a conhecer»? E porque não mencionais as palavras de

Jesus, o Cristo, aos seus apóstolos em João 14,9: «Aquele que me viu, viu o Pai»? Ao eliminar os versículos do Evangelho que contradizem as suas ideias, a sua busca torna-se subjectiva e desprovida de credibilidade. Como se acusa os outros de evasão?

Dir-me-ão que não acreditam nos versos que não mencionaram porque são falsificados!... Muito bem, muito bem, muito bem! Se o Evangelho é falsificado, então não deve ser de todo mencionado. Por conseguinte, discutirei convosco com o melhor dos argumentos, chamando a vossa atenção para o que a interpretação corânica do Jalalein diz sobre o primeiro verso do capítulo «A Viagem Nocturna». Muhammad diz: «Eu vi o meu Deus Todo-Poderoso». O meu único comentário sobre isto, que contradiz a sua declaração, é o seguinte: A visão de Deus neste mundo é possível e, de facto, já teve lugar. O Novo Testamento, ao contrário do que afirma, não nega esta possibilidade... excepto para os ímpios e malfeitores, mas não para os homens de consciência pura. De facto, Jesus, o Cristo, disse: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mateus 5,8). Mas certamente encontrará argumentos filosóficos e científicos para negar a possibilidade de ver Deus. Deixo estes falsos argumentos para aqueles que os apreciam. Quanto a mim, ouço apenas o Evangelho, o Alcorão e as Discussões Espirituais do Profeta Maomé.

Na sua resposta, mencionou o «evangelho» de Barnabé e toda uma lista de outros evangelhos não canónicos para cristãos. Parece colocá-los ao mesmo nível que os Evangelhos canónicos, se não mais alto para si. Porque não contou ao leitor o que eu expliquei no meu livro sobre o falso evangelho de Barnabé? Mostrei que este «evangelho» é um falso testemunho contra o Evangelho e o Alcorão, porque afirma que Jesus não é o Cristo. Também mencionei os versículos deste pseudo-evangelho que afirmam isto, concluindo que estes ensinamentos são contrários aos do Evangelho que anuncia que Jesus é verdadeiramente o Cristo, e são também contrários aos ensinamentos do Corão que afirmam que Jesus - e nenhum outro - é o verdadeiro Cristo. Sabe, Reverendo Sheikh, que muitos muçulmanos acreditam que o «evangelho» de Barnabé é o único verdadeiro. Porque mantiveram a verdade sobre este «evangelho» em segredo? Porque não o revelou aos leitores, deixando-os na ignorância? Porque concentraram os vossos ataques nos verdadeiros Evangelhos? Porquê esconder a verdade quando se é um guia espiritual? Porque escondeu a verdade quando é um guia espiritual?

Sublinho que escrevi o meu livro, convencido de que o precioso Corão não é propriedade de ninguém, e que o Islão não é monopólio de ninguém. Queria apresentá-los como os vejo e compreendo. Apresentei os meus argumentos com sinceridade e retratei a bela e terna face de Maomé como o conhecia e amava, para que aqueles que o deturpam - por culpa de alguns que desfiguraram o Corão, o Islão e Maomé - possam também amá-lo.

O meu livro contém uma nova pesquisa e um novo conceito. Chamei a atenção para pontos importantes que há muito permanecem obscuros. Ao descobri-los, muitos despertaram e regozijaram-se. Ninguém será capaz de extinguir este raio de luz. Responderam-me com uma lógica e ensinamentos ultrapassados que convencem apenas aqueles que estão condenados à perdição. Para o tempo da lógica fanática que ataca os Livros inspirados, acabou. Esta lógica falhou... e onde obteria ela o seu sucesso? Eis que os Livros do Céu estão a seguir o seu caminho, desafiando o tempo, os inimigos e os acontecimentos. Não precisam do testemunho de nenhum homem para permanecer; Deus protege-os e confirma-os, e toda a consciência sincera e madura acredita neles. Muitos no passado próximo e distante atacaram o Evangelho; eles têm descendentes e discípulos na terra. Mas o Evangelho permanece como uma rocha sobre a qual o inimigo teimoso vem a esmagar. Muitos têm atacado e continuam a atacar o Alcorão. Mas é a mesma rocha que rasga os fanáticos que lutam contra ela.

Obrigado, Reverendo Sheikh, pela sua resposta. Deu-se ao trabalho e pesquisou. Agradeço-vos porque a vossa resposta tranquilizou o meu coração e confirmou a minha fé. Agora estou ainda mais ligado ao conteúdo do meu livro do que antes, tendo notado a fraqueza, se não a ausência, de qualquer argumento válido em contrário.

É claro que não espero que todos os muçulmanos e cristãos partilhem as minhas crenças. Isto não é o mais importante. Não espero que todos concordem com o que escrevi. Muitos daqueles que me elogiaram não partilham todos os meus pontos de vista. Isto é natural e até positivo. Mas o que ainda é importante é a liberdade de expressar opiniões com convicção e de trocar opiniões com amor, sem atacar os outros e acusá-los de serem uma fraude ou qualquer outra coisa. Para a religião, no final, é agir para com os outros com o «melhor» comportamento. Estou, portanto, totalmente disposto a encontrar-me com Vossa Reverência, se estiver disposto e se achar que pode ser útil, numa discussão calma e calorosa. Poderíamos trocar ideias livremente, longe de qualquer contorcionismo, fanatismo ou provocação, desde que, no entanto, a nossa discussão se baseie num «Livro da Luz» e não no que dizem os poetas, filósofos e estudiosos, porque já estou farto. E porque este é o mandamento de Deus.

3. Resposta do Xequé KR

Li a resposta de Pierre num jornal aos pontos que ele voltou a levantar, apesar de lhes ter respondido na revista. Na sua resposta, Pierre acusou-me de estar zangado. Digo-lhe com amor e sinceridade que não tenho qualquer interesse nisto, excepto em manifestar a verdade. Ao responder, não ultrapassei os direitos de cortesia e discussão, apoiados pela lógica e bom pensamento. Devo acrescentar que Pierre criticou o meu estilo nas discussões, mas ele caiu na mesma armadilha. O provérbio diz: «Não critiques uma moralidade para cair na mesma armadilha».

Quanto às longas palavras de Pedro sobre a conciliação entre crentes, resumirei como se segue: A conciliação entre crentes deve ser feita sobre uma base sólida e estável que não possa ser abalada por tempestades. Isto é aceite por todas as pessoas sábias. Apelo, portanto, a todos os justos: Como se pode conciliar a crença no Um com a crença no Tríplice? Entre aqueles que negam a crucificação e aqueles que a afirmam? Entre aqueles que acreditam no Deus Único que não tem mulher e filho e aqueles que dizem o contrário? Entre aqueles que dizem na missa: «Maria, Mãe de Deus» e aqueles que o negam, dizendo que Deus está acima de tudo isso?

Estes são apenas alguns exemplos das controversas questões doutrinárias entre cristãos e muçulmanos.

Sim, podemos unir as pessoas e trazer acordo cultivando o amor entre os homens, porque o homem, a torto e a direito, é irmão do homem.

Isto é possível com base nas palavras de Deus que diz: «Ó homens! Criámo-vos macho e fêmea e transformámo-vos em povos e tribos para que se pudessem conhecer uns aos outros». Deus também diz: «Deus não vos proíbe de irem com aqueles que não vos atacam na religião, nem vos expulsam de vossas casas. Seja justo para eles, pois Deus ama os justos».

Se as crenças de uns se opõem às de outros, isso significa que a animosidade, a luta, o exílio e o despojamento de outros devem reinar? Certamente que não!

A unidade da inspiração divina faz parte da doutrina do muçulmano; portanto, ele acredita nela e se atacar ou desprezar um dos profetas de Deus, ele nega o Islão e cai na heresia e na apostasia.

Tem havido animosidade e luta entre muçulmanos árabes e não árabes, por um lado, e Israel e os sionistas, por outro, desde a aurora do Islão até aos dias de hoje. Apesar disso, se um muçulmano ousa atacar Moisés, o Profeta de Deus, ele apostasia e é excomungado do Islão. A unidade de inspiração é uma doutrina decretada pelo Alcorão e afirmada pelo nosso Profeta e Profeta Maomé de Deus.

Demonstrei em pormenor os elementos desta investigação na revisão e não vejo qualquer razão para me repetir.

Pedro provocou interpretações e perguntas sobre o que Deus tinha dito: «Ó vós que recebestes o Livro, acreditai no que inspirámos, testemunhando o que está convosco» (Alcorão IV; Mulheres,47).

Os intérpretes mencionaram em que ocasião esta inspiração foi dada: «Ibn Isaac disse: O profeta falou aos líderes judeus e disse-lhes: 'Ó judeus, temeí a Deus e resignai-vos a Deus; sabeis que o que vos trago é a verdade'. Eles disseram: 'Não sabemos isto, Muhammad'. Apostasiam-se, não sabiam, e tornaram-se teimosamente apostasiados. Então Deus inspirou este verso.»

Quanto à confirmação em questão, no verso significa: o seu conhecimento da qualidade do profeta e a sua teimosia, apesar disso, permanecer em apostasia.

Deus também denunciou, em vários versículos, aqueles que falsificam a Bíblia. Basta mencionar o seguinte versículo: «Ai daqueles que escrevem o Livro com as mãos e depois dizem: 'Isto é de Deus' para ganharem dinheiro desonesto. Ai deles pelo que a sua mão lhes escreveu e ai deles pelo lucro que ganharam».

Deus convidou o povo do Livro com esta chamada: «Ó povo do Livro, chegai a uma palavra de entendimento entre nós e vós, que adoramos apenas a Deus, que nada associamos a Ele, e que não nos fazemos senhores uns sobre os outros, em vez de Deus».

Este convite divino é sempre válido e a porta está sempre aberta para aqueles que desejem responder a ele. Quanto ao versículo a que Pedro se referiu: «Aqueles a quem demos o Livro leram-no correctamente; aqueles que acreditam nele e aqueles que não acreditam nele são os perdedores», Katada interpretou-o da seguinte forma: «Estes são os amigos do profeta; o livro é o Alcorão». Abu Musa El-Ashaari disse: «Aquele que segue o Alcorão é conduzido por ele para os prados do Paraíso». Omar Ibn-El-Khattab disse: «Estes são aqueles que, lendo um versículo de misericórdia, pedem-no a Deus, ou um versículo de castigo, recorrem a Deus».

Peter comentou a poligamia, referindo-se ao verso no capítulo das Mulheres «Nunca se pode ser justo com as esposas, mesmo que se seja cuidadoso». Ser justo aqui significa a inclinação do coração (ou seja, igual afecto é impossível). Este é um facto que o homem não controla, mas apenas Deus controla. O Profeta Maomé teve várias esposas; o mesmo aconteceu com os seus sucessores e isto não lhes foi proibido.

Pedro falou novamente da visão de Deus neste mundo. Esta questão é controversa entre os estudiosos. O que estamos inclinados a acreditar, eu diria mesmo o que preferimos acreditar, é que a visão de Deus é defendida neste mundo, e que a sua visão no outro é sem qualquer comparação possível, segundo a palavra de Deus: «Nada é como ele; ele vê e ouve todas as coisas».

Há ainda outras questões que não merecem ser discutidas em profundidade, porque a minha resposta ao livro cobriu todos os tópicos.

Agradeço a Pedro e felicito-o sinceramente pelas belas palavras que expressou, incluindo a que diz que o Anticristo é o Cristo dos Judeus. Agradeço-lhe por expressar francamente a sua fé no Alcorão e manifestar o seu amor pelo Profeta Maomé e pelos seus irmãos, os outros profetas.

(Sheikh KR termina agradecendo o convite para um diálogo caloroso e por palavras de cortesia).

4. Segunda resposta ao Xeque KR

Reverendo Sheikh KR, li a sua resposta num jornal. Estou contente por concordar que o Anticristo é o «Cristo» sionista, o Estado forjado de Israel. A minha primeira resposta foi uma indicação deste estado satânico e a denúncia do seu charlatanismo e injustiça. Permitam-me que vos envie o meu livro «O Anticristo no Islão», porque o nosso amado profeta Maomé falou sobre ele nas suas Discussões. As suas palavras proféticas permitem-nos concluir que o Anticristo é o Estado de Israel.

No entanto, esta crença implica muitos novos compromissos religiosos e espirituais, e isto não é apropriado para aqueles que são prejudicados por estas convulsões. O aparecimento do Anticristo significa que chegámos ao tempo da corrupção que o Senhor Jesus, o Cristo, e o Profeta Maomé nos advertiram contra. Com o aparecimento deste charlatão começa, portanto, uma nova era no

mundo em que só Deus é o sucessor de todos os profetas e Maomé, como o próprio Maomé revelou. Esta sucessão de Deus, para os crentes, visa libertá-los da hegemonia da chamada sucessão humana que os explora: os mercenários e mercenários religiosos que continuam a atar a consciência dos pobres e simples com correntes que só Deus pode quebrar. Esta é a sabedoria divina que hoje abre uma nova porta para acolher corações ansiosos por se libertarem do peso da matéria, e voarem para as alturas, para Deus, a fim de viverem na sua presença, na sua companhia divina eternamente e de agora em diante.

Qualquer reivindicação humana a qualquer sucessão profética é, portanto, vaidosa hoje em dia, pois o Profeta Maomé diz na sua Discussão (1806): «Temo por vós apenas o Anticristo. Se ele aparecer enquanto eu estiver convosco, serei eu a refutar os seus argumentos, mas se ele aparecer quando eu já não estiver convosco, então caberá a cada um encontrar os argumentos (*contra ele*) e **Deus será então o meu sucessor para** todos os muçulmanos».

Agora o Anti-Cristo apareceu! Portanto, o sucessor de Muhammad hoje é Deus.

Dito isto, responderei sucessivamente às questões que levantou na sua resposta ao documento:

1) Diz: «A conciliação entre crentes deve ser feita numa base sólida e estável... Como se pode conciliar a crença no Um (Deus) com a crença no Tríplice? Entre aqueles que negam a crucificação e aqueles que a afirmam? Entre aqueles que acreditam no Deus Único que não tem esposa nem filhos e aqueles que dizem o contrário? Entre aqueles que dizem na Missa 'Maria, Mãe de Deus' e aqueles que a negam...»?

A minha resposta é esta:

A) A unidade da inspiração bíblica do Alcorão que prego é a base estável e inabalável para a reconciliação dos crentes entre si. Por outro lado, o princípio da falsificação do Evangelho em que se baseia não é uma base estável para a reconciliação, porque contradiz tanto o Alcorão como o Evangelho. É rejeitada por muitos estudiosos muçulmanos (dos quais mencionei os clérigos muçulmanos: Muhammad Abdo e Afaghani) e cristãos.

B) A reconciliação entre a crença na unicidade (divina) e na triplicidade (três deuses) é impossível, mas por outro lado a realidade do Deus Único e Trino é um facto revelado por Deus e expliquei-o no meu livro «Faithfulness to the Quran». Resumo a explicação da seguinte forma: O homem, a sua palavra e o seu espírito são uma e a mesma pessoa, não três pessoas. Da mesma forma, Deus, a sua Palavra e o seu Espírito são uma e a mesma essência. Deus revelou isto para que possamos saber que Cristo é a Palavra de Deus e o Seu Espírito, e não a Palavra e o Espírito de outro Deus. Nenhum outro profeta tem sido assim chamado.

C) É impossível conciliar «aqueles» que negam a crucificação com «aqueles» que a confirmam, mas temos de trabalhar para unir «aqueles» que negam o facto e «aqueles» que a confirmam. Expliquei no meu livro que a formulação do Alcorão da crucificação de Cristo deixa a porta aberta para a seguinte interpretação: Os judeus não conseguiam alcançar a mensagem de Cristo matando-o. Para o Alcorão falava-se noutro lugar da morte e ressurreição de Jesus, como já expliquei. Isto confirma as palavras bíblicas. Em qualquer caso, acreditar ou não acreditar que o Alcorão nega a crucificação não é um obstáculo para acreditar na unidade da inspiração quando se está maduro e livre do fanatismo. A menos que esteja entre aqueles que adoram a Deus à letra, não entre aqueles que procuram a intenção divina através das palavras. Lembro-vos novamente que o Corão condenou os adoradores de Deus de acordo com a carta, dizendo: «Há alguns que adoram a Deus, mas à letra. Se o bem lhes chega, ficam tranquilos; e se o mal lhes chega, caem de cara, neste mundo e no outro. Estes são claramente os perdedores». (Alcorão XXII; A Peregrinação,11)

D) O evangelho não prega que Deus tem uma esposa com quem faz sexo e de quem dá à luz, como sugere. Falo sobre isto no meu livro sobre o título de Filho de Deus, explicando que Cristo nasceu de Maria, não através de um homem, mas através de uma palavra de Deus que disse: «Sede! E assim foi». Esta verdade foi-nos revelada através da Bíblia e do Alcorão.

E) Não acuso aqueles que dizem «Maria é a Mãe de Deus», nem os chamo ímpios que associam outros deuses a Deus. Estes crentes confiam na inspiração evangélica sobre a encarnação de Deus, não na encarnação de um dos deuses - isto teria sido «associação», isto é, associação de outros deuses com Deus - porque só existe um Deus. A encarnação divina teve lugar no corpo de Cristo. Esta revelação é clara: é rejeitada por alguns que não a compreendem de acordo com a sabedoria da religião divina que confunde os filósofos da falsificação do Evangelho. Eles são responsáveis por isso; o Alcorão nada tem a ver com esta calúnia de falsificação.

Maria é a Mãe do corpo de Cristo, criada como Adão foi criado; ela não é a mãe do Espírito Divino que animou este corpo e o usou como instrumento para espalhar a sua luz no mundo. A qualidade de «Mãe de Deus» atribuída a Maria é uma qualidade temporal, não eterna, daquela que «Deus escolheu... e escolheu de entre todas as mulheres do universo» (Alcorão III; Família de Imran,42). Ela, sozinha, foi assim escolhida por razões profundas inspiradas por Deus, razões aceites pelos homens espirituais e rejeitadas pelos materialistas. E o que é que aqueles que o vêem compreendem claramente? Maria é apenas a «Serva de Deus», como ela própria diz no Evangelho. Ela é uma criatura como todos os seres humanos e difere dos outros apenas porque foi escolhida para ser a Mãe temporal d'Aquele que é a Palavra de Deus e o Espírito de Deus, entre os homens. Por esta razão, o profeta Maomé, bendito seja ele, admirável na sua perspicácia e discernimento, disse: «Nenhum homem nasce sem que o diabo o alcance desde o momento do nascimento, e ele grita por causa deste ataque satânico: excepto Maria e o seu filho».

Este verso das Discussões é relatado na interpretação do «Jalalein», depois do verso 31 da Sura da Família de Imran. Qualquer homem perceptivo, dotado de um certo discernimento, será capaz de compreender porque é que apenas Jesus e Maria não foram tocados pelo diabo.

Depois de ter apresentado os meus sinceros argumentos, declaro: Vamos primeiro trabalhar para unir os crentes do mesmo lado, porque no nosso infeliz Líbano - como no exterior - as confissões que acreditam na mesma doutrina matam-se umas às outras e exilam-se umas às outras numa guerra fratricida. É por isso que concordo plenamente consigo, Reverendo, quando diz: É possível reunir e reconciliar cultivando o amor entre o homem e o homem, referindo-se a versos do Corão. É nisto que também estou a trabalhar, com a ajuda de Deus; pois não há obrigação na religião! (Alcorão II; A Vaca,256). A religião é de Deus, a terra e a pátria são para todos e eu acredito na coexistência pacífica entre o crente e o ateu, se o comportamento mútuo for bom. Pois só Deus é o juiz das consciências, e muito será pedido a quem recebeu muito e acreditou muito...

2) Diz: «A unidade da inspiração é uma doutrina decretada pelo Alcorão e afirmada pelo nosso Profeta e Profeta Maomé de Deus». Não desejo entrar numa competição pouco saudável e comparar os Livros inspirados, ou os profetas, afundando-se assim numa guerra de licitações que a religião e os profetas condenam. Mas coloco a seguinte questão à sua Reverência: Como pode conciliar a unidade da inspiração em que acredita e a doutrina da falsificação do Evangelho que prega? Fala como se Deus Todo-Poderoso fosse impotente para salvaguardar a sua inspiração da falsificação.

3) Vós dizeis: «Pedro deu lugar a interpretação e perguntas sobre o que Deus disse: 'Ó vós, que recebestes o Livro, acreditai naquilo que Nós (*Deus*) inspiramos (*o Alcorão*) a testemunhar o que está convosco (*a Bíblia*)'». Explicou este verso desta forma: O Alcorão não se refere à Bíblia, mas a Muhammad, que «líderes judeus» negaram.

No entanto, na interpretação do Jalalein, encontramos o oposto da sua afirmação. Está escrito: «Ó vós que recebestes o Livro, acreditai naquilo que inspirámos para testemunhar o que está convosco (*a Torá*)» (Alcorão IV; Mulheres,47).

A atestação do Alcorão refere-se, portanto, à Bíblia, como disse. Não entrei em contacto com a verdade na minha investigação, uma vez que me acusam de o ter feito. Este atestado da Bíblia - não o de Maomé - pelo Alcorão é evidente a partir das palavras deste mesmo versículo onde Deus convida o povo da Bíblia a acreditar «naquilo» que Ele inspirou (*ou seja, o Alcorão*), atestando

«aquilo» que eles têm com eles (*ou seja, a Bíblia*). O designador «isso» não se aplica a uma pessoa. Se o verso fosse dirigido a Maomé, ele teria dito: «**Aquele** que está contigo» e não «aquele que está contigo». Além disso, Deus diz, «testemunhando o que está contigo»; mas o profeta Maomé não estava com os judeus que o negaram. O que estava com eles, na sua posse, com toda a sinceridade e retidão, era a Bíblia.

Concluirei este importante tópico, assinalando o seguinte: Se o verso do Alcorão tivesse a intenção de indicar Muhammad, teria sido inspirado, por exemplo, da seguinte forma: «Ó vós que recebestes o Livro, acreditai no que Inspiramos, testemunhando aquele (*Muhammad*) que odeais e combateis».

4) E vós dizeis: «Ora, o versículo a que Pedro se referiu, 'Aqueles a quem demos o Livro, leram-no correctamente', Katadah interpretou-o, dizendo: 'Estes são os amigos do profeta': o livro é o Alcorão!» (não a Bíblia). Respondo que a interpretação de Jalalein deste versículo diz que foi inspirada por um grupo que veio da Etiópia e se converteu ao Islão. Agora sabemos que os habitantes da Etiópia eram coptas, cristãos, e que o seu Livro era, portanto, a Bíblia. O facto de se terem tornado muçulmanos, ou seja, de terem reconhecido Maomé como profeta de Deus, é a prova de que ainda não eram muçulmanos, amigos do profeta, e portanto o Livro em questão é a Bíblia. Além disso, o Alcorão ainda não tinha sido agrupado num só livro. Isto só foi feito muito mais tarde, sob Osman Ibn Affan. É por isso que eu e outros temos uma opinião muito diferente da de Katada e seguimos o conselho da Jalalein.

5) Diz que a interpretação do verso do Alcorão: «Nunca poderá ser justo para as suas esposas mesmo que cuide delas» é a seguinte: «Ser justo aqui significa a inclinação do coração». Eu digo, está bem, mas Deus continua a dizer: «Se tiveres medo de ser emocionalmente injusto, a inclinação do coração, só precisas de uma esposa», e então Deus diz: «Nunca poderás ser justo para com as tuas esposas, mesmo que cuides delas». Por isso, é preciso levar apenas uma esposa. Acrescente-se a isto o facto de ser mais fácil ser justo e justo em coisas materiais do que em coisas emocionais. Se a interpretação exacta fosse a inclinação do coração, mais uma razão para casar apenas com uma mulher, por afecto - para as pessoas espirituais, não para as sensuais - é mais forte e mais importante do que a matéria.

Uma jurisprudência (Fatwa) do Ministro egípcio dos Assuntos Religiosos (Wakf), Dr. El Ahmadi Aboul Nour, publicada no jornal «Aliwaa» de 20 de Dezembro de 1985, consolida ainda mais a minha convicção. Ele escreveu: «Algumas pessoas imaginam que quando Deus lhes deu generosidade financeira, são autorizadas a casar com uma segunda mulher, especialmente se a primeira tiver sido repelida ou dividida. Podemos dizer que quando não existe uma justificação aceitável para a poligamia, esta torna-se proibida e constitui um pecado». O Dr. Aboul Nour menciona as razões para «distúrbios e discórdia, que substituem a calma e a estabilidade e semeiam ódio e dureza» no segundo casamento. Ele cita como exemplo vivo o caso de um empregado que, após o seu segundo casamento, negligenciou a sua primeira família. A primeira família entrou em colapso e ele também. Este é apenas um dos muitos exemplos do mal dos segundos casamentos.

Se essa é a condição do segundo casamento, que, segundo a decisão deste ministro - que é a autoridade num dos maiores países muçulmanos - é defendida e constitui um pecado, então e o terceiro e quarto casamentos? Concluo que o mais odioso dos «permissíveis» para Deus, após o divórcio, é a poligamia.

Para justificar a poligamia, refere-se às muitas esposas do Profeta Maomé. Estes, como sabem, eram mais de quatro e assim excederam o número limitado pelo Alcorão. O seu argumento sobre este ponto não é convincente, porque os casamentos do Profeta tinham como objectivo unificar as tribos opostas e reconciliá-las através do parentesco matrimonial. Não foram devidas a uma sedução ou a uma inclinação do coração. E o que Deus permitiu a Maomé, ao seu profeta e ao nosso, Ele não permite a todos os homens, porque já não há nenhuma razão válida para isso hoje em dia. Os próprios versos corânicos esclarecem e julgam entre nós.

6) E vós dizeis a meu respeito: «Ele falou de novo da visão de Deus neste mundo. Esta questão é controversa entre os cientistas. O que tendemos a acreditar, eu diria mesmo: o que preferimos acreditar é que a visão de Deus é defendida neste mundo». A minha resposta é que não estou interessado nas opiniões dos «estudiosos», como sabem, porque não quero filosofar em torno de um assunto que é decidido por inspiração divina e pelos profetas, muito simplesmente. No meu artigo anterior, mencionei intencionalmente a palavra do Profeta Maomé na interpretação da Jalaleína do primeiro versículo do capítulo «A Viagem Nocturna», onde diz: «Vi o meu Deus».

Confio na experiência dos profetas sem ouvir os estudiosos e filósofos que me querem impedir de ver Deus. Por isso, abro as minhas asas e voou para longe para responder ao apelo dirigido por Deus e pelos seus profetas aos corações puros, pedindo-lhes que se levantem e sublimem os seus pensamentos para além da matéria restrita e da lógica dos homens. Subo os cumes para poder contemplar o meu Deus, ajudado pela sua santa e todo-poderosa graça.

Menciono aqui um exemplo para esclarecer o meu pensamento: é um diálogo entre um cego e um clarividente. O clarividente diz ao cego: «Vejam como o sol é belo ao nascer»! O cego responde: «Não, ninguém pode ver o sol». O vidente diz: «Sim, eles podem! Posso vê-lo»! E o cego: «Não, ninguém pode vê-lo». Eu digo que ambos estão certos. O clarividente vê e alegra-se, e o cego não vê. O importante é colocar, se possível, a paz entre os dois, deixando o vidente regozijar-se com a sua visão e rezando pela cura do cego.

Com este exemplo, não quero prejudicar ninguém, acreditem em mim. Cito-o, sendo obrigado a clarificar a minha resposta, e faço-o com grande amor, para não confundir. O meu propósito não é ofender, mas sim testemunhar a favor de uma verdade. Além disso, nem na minha resposta actual, nem na primeira, não tinha a intenção de magoar ninguém, uma vez que me acusam. Sim, tentei testemunhar, e com firmeza, mas com grande respeito, a favor da unidade da Inspiração Divina para honrar a Deus antes de agradecer aos homens. Desejo, no entanto, pedir antecipadamente desculpa àqueles que se sentirão visados pelo exemplo dado, repetindo mais uma vez que não é essa a minha intenção. Mas acredito nos profetas e no que Deus lhes revelou, e faço todos os esforços para convidar os crentes a elevarem-se às alturas mais altas do Espírito, a fim de estarem na companhia do Criador, como muitos crentes e místicos - cristãos e muçulmanos - têm feito, incluindo o místico muçulmano El Hallaj.

7) Afirma ter respondido em pormenor na revista à questão da unidade da Inspiração Divina. Mas não o fez de todo. Do mesmo modo, evitou responder às minhas observações sobre o chamado Evangelho de Barnabé, que mencionou e que eu provei ser falso; evitou também responder sobre a impossibilidade de anular a «lei» de Jesus, que não tem outra lei que não seja a do amor e da justiça, não a do culto e da tradição material, que deve ser anulada.

8) Na vossa quinta resposta ao meu livro, assumis a defesa do Alcorão, e falais longamente da sua grandeza, e da sua influência na língua árabe, e do estilo impecável do profeta Maomé. Apresenta tudo isto enquanto deixa o leitor acreditar que eu não estou convencido disso. Contudo, nunca toquei nestes temas no meu livro, acreditando firmemente no facto milagroso do Alcorão, o seu génio literário e espiritual, convencido de que foi verdadeiramente inspirado pelo nosso amado Profeta Maomé. A minha fé nisto é total. Agora, aqui está a apresentar estes temas na sua resposta ao meu livro, como se eu não acreditasse neles. Por isso, continuou intencionalmente a sua determinação em desfigurar o conteúdo do meu livro.

9) Quanto aos poucos exemplos que citou na sua quinta resposta sobre a questão da Mesa Celestial (a Eucaristia), eles significam simplesmente que os esforços de interpretação ainda estão em curso. Só aqueles que se humilharem e pedirem o Evangelho pelo seu verdadeiro significado descobrirão a verdade sobre esta «Mesa Celestial» porque, como dizeis (p. 95 da vossa 5ª resposta): «A opinião geral sobre esta Mesa é que ela desceu do Céu com comida comestível acima dela, cuja essência só Deus conhece». Deus definiu a essência desta Tabela nos Evangelhos de João 6:51-63, Mateus 26:26-29, Lucas 22:19-20 e Marcos 14:22-25 e na primeira carta de Paulo aos Coríntios: 1

Coríntios 11:17-33. No entanto, alguns não acreditam e recusam-no, como os judeus o recusaram no passado e muitos outros ainda o fazem hoje. Expliquei o significado desta Mesa Celestial no meu livro (parágrafo 4.3).

10) Repete na sua quinta resposta o apelo do Alcorão que convida «o povo do Livro a uma palavra de entendimento entre nós e vós, que adoramos apenas a Deus, que nada associamos a Ele, e que não nos fazemos senhores uns dos outros no lugar de Deus» (Alcorão III; Família de Imran,64). Note-se que o Alcorão, sabendo que as pessoas na Bíblia não associam «ninguém» a Deus, pedelhes que não associem outra «coisa» (*como o dinheiro*, por exemplo). Os meus companheiros e eu respondemos a este nobre convite, e encontrámos a palavra comum de entendimento entre muçulmanos e cristãos sinceros, não outros. Submetemo-nos (*islamizados*) não só a Deus, mas a todos os Livros inspirados, como manda o Alcorão, dizendo: «Os fiéis acreditam em Deus, nos seus anjos, nos seus Livros (*plural*)» (Alcorão II; o Génesis, 285).

Acreditamos na Torá, no Evangelho e no Alcorão.

Na minha opinião, tem toda a razão em dizer: «O monoteísmo de algumas pessoas é um monoteísmo longe do único Deus e tingido de politeísmo, pois Deus diz: 'A maioria acredita em Deus apenas por permanecer politeísta'» (Alcorão XII; José,106). Eu também sou desta opinião, pois há muitos que acreditam em Deus, mas associam com Ele muitas outras «coisas» como dinheiro, glória e prazeres, como menciono no meu livro. Há outros que afirmam acreditar no monoteísmo, mas associam o culto das suas próprias mentes a Deus, recusando os Livros inspirados por Deus para a nossa salvação, porque a sua estreita mentalidade materialista é incapaz de se elevar para compreender a sublimidade do seu conteúdo espiritual. Incapazes de compreender estas Sagradas Escrituras, caluniam-nas e chamam-nas falsificadas. Que Deus nos ajude a semear a paz, mesmo entre inimigos.

(Pierre termina pedindo à revista que publique amavelmente todas as suas respostas ao Sheikh KR de modo a ser justo e equitativo).

Pierre

Copyright © 2026 - Pierre2.net - All rights reserved.